

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

**RODRIGO VIEIRA BULSO**

**O ENSINO DO TÊNIS NA INFÂNCIA: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS**

Porto Alegre  
2015

**RODRIGO VIEIRA BULSO**

**O ENSINO DO TÊNIS NA INFÂNCIA: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola Superior de  
Educação Física, Fisioterapia e Dança da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito para obtenção do grau de  
Bacharel em Educação Física

Orientador: Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2015

### CIP - Catalogação na Publicação

Bulso, Rodrigo Vieira  
O ensino do tênis na infância: concepções  
pedagógicas / Rodrigo Vieira Bulso. -- 2015.  
53 f.

Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de  
Educação Física, Curso de Educação Física: Esporte e  
Lazer, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Pedagogia do Esporte. 2. Tênis. 3. Ensino do  
tênis. I. Balbinotti, Carlos Adelar Abaide, orient.  
II. Título.

**Rodrigo Vieira Bulso**

**O ENSINO DO TÊNIS NA INFÂNCIA:  
concepções pedagógicas**

Conceito Final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo Cardoso – UFRGS

---

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente, à minha mãe, Vera Lúcia Vieira Bulso, pela paciência e compreensão durante a elaboração deste trabalho e toda minha trajetória acadêmica, ao meu pai, Adriano Luiz Bulso, pelo incentivo à prática do tênis, e ao meu irmão, Bruno Vieira Bulso, pelo auxílio e companheirismo durante este período. À professora Neca, por ter me ensinado a jogar e gostar do tênis quando criança, e agora pelos conhecimentos passados no papel de professor. Aos grandes profissionais Leandro Loureiro, Fernando Ávila e Fabiani Dias Silveira, pelos ensinamentos, exemplos e oportunidades de aprendizado que me foram dadas. Ao colega e profissional exemplar Roberto Klering, pela parceria e colaboração de sempre. Ao meu orientador Carlos Balbinotti, pelas oportunidades de estudar, aprender, conviver e trabalhar com o tênis. Gostaria também de fazer um agradecimento especial à colega Hannah Aires, pela paciência, atenção e comprometimento durante essa etapa do curso. E a todos os alunos do Petrópole Tênis Clube, os quais em muito contribuíram para minha formação.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura das concepções pedagógicas que norteiam o ensino do tênis na infância. Para tanto, o estudo foi organizado em dois capítulos. O capítulo I aborda os aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, e a importância das adequações pedagógicas ao treinamento e à competição infantil. Outra questão abordada neste capítulo são as concepções pedagógicas relacionadas ao ensino dos esportes, ressaltando como são estruturados e sistematizados os processos de ensino-aprendizagem segundo diferentes autores da Pedagogia do Esporte. O capítulo II trata do ensino do tênis na infância, trazendo um panorama geral de como ocorre a iniciação esportiva na modalidade. Outra questão apresentada nesse capítulo são as duas principais abordagens que compõem o cenário do ensino do tênis para crianças: a Abordagem Clássica e as novas concepções no ensino do tênis. As adequações referentes ao ensino do tênis e às propostas competitivas na infância também são abordadas nesse capítulo. Como considerações finais, percebeu-se um processo de transformação no ensino do tênis para crianças. Durante décadas, a iniciação ao tênis caracterizou-se pela reprodução de modelos de treinamento adulto, baseado em concepções tecnicistas. Porém, nos últimos anos, foi possível observar um processo de inserção de novas tendências pedagógicas no ensino do tênis na infância, em acordo com as abordagens segundo os autores da Pedagogia do Esporte.

Palavras Chaves: Pedagogia do Esporte; Tênis; Ensino do tênis.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study is to conduct a literature review of pedagogical concepts that guide tennis education during childhood. The project was organized in to two chapters. The first Chapter involves aspects related to child development and the importance of adaptations for children in trainings and competitions. Another subject discussed in Chapter 1 are the pedagogical concepts related to sports education, emphasizing how they are structured and systematized in the teaching-learning processes according to different authors of Sports Pedagogy. The second chapter deals with tennis education during childhood. This Chapter gives an overview of how sport initiation occurs in tennis. Another issue that is brought up in Chapter 2 questions the two elements that compose the teaching of tennis to children: Classic Theory and new concepts in the teaching of tennis. Adjustments for tennis education and new proposals for childhood competitions are also covered in this Chapter. These adjustments and new proposals showed a transformation in the process of teaching tennis to children. For decades, the initiation of tennis was characterized by the reproduction models of adult training, based on concept technicalities. In accordance with the approaches of the authors from Sports Pedagogy, the process of inclusion of new pedagogical trends in children's tennis education were observed during the last few years.

Keywords: Pedagogy of Sport; Tennis; Tennis Education.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>3. O ENSINO DOS ESPORTES .....</b>	<b>9</b>
3.1 ASPECTOS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	10
3.3 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS .....	14
<b>3.3.1 A Pedagogia do Esporte segundo Paes e Balbino .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3.2 A Pedagogia do Esporte segundo Scaglia e Freire .....</b>	<b>19</b>
<b>3.3.3 A Pedagogia do Esporte segundo Garganta e Graça.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3.4 A Pedagogia do Esporte segundo Kröger e Roth e Greco e Benda .....</b>	<b>25</b>
<b>4. O ENSINO DO TÊNIS .....</b>	<b>28</b>
4.1 ABORDAGEM CLÁSSICA .....	30
<b>4.1.2 Sistema Competitivo .....</b>	<b>33</b>
4.2 NOVAS CONCEPÇÕES PARA A INICIAÇÃO AO TÊNIS .....	34
<b>4.2.1 As adequações do Play and Stay .....</b>	<b>36</b>
4.2.1.1 A quadra .....	37
4.2.1.2 A bola .....	39
4.2.1.3 A raquete .....	40
<b>4.2.2 Tennis 10'S: O sistema competitivo adaptado .....</b>	<b>41</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema central as concepções pedagógicas que norteiam o ensino do tênis na infância. O tênis é um esporte individual, praticado e assistido por milhões de pessoas ao redor do mundo, e considerado um esporte olímpico. Culturalmente, é difundido de forma predominante em clubes e academias. Com a pouca disseminação do ensino em outros meios, sua prática torna-se restrita, dificultando o acesso e a popularização do esporte no Brasil. Alguns fatores parecem colaborar para esse contexto, como a falta de espaços públicos adequados para a prática do tênis e a ausência desta modalidade em faculdades de educação física (CORTELA *et. al.*, 2012). Apesar de pouco explorado fora das sedes sociais, sua iniciação pode ser feita nas escolas, tendo em vista que o tênis contempla um amplo repertório de habilidades motoras e cognitivas, além de aspectos psicossociais importantes para a criança.

Por se tratar de um esporte de cadeia aberta, uma das principais características do jogo é sua imprevisibilidade (TEIXEIRA, 2011). No tênis, há uma gama infinita de combinações de golpes e jogadas, podendo-se variar a profundidade, angulação, altura, rotação e velocidade da bola (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS, 2015). Para Rivas e Clemente (2012), o tenista deve ter a capacidade de antecipar as ações do adversário, além de adaptar-se rapidamente a cada jogada, o que exige grande esforço cognitivo. Desse modo, o jogador precisa desenvolver algumas habilidades específicas que irão contribuir para o seu crescimento esportivo.

Para que a criança aprenda a jogar e goste do esporte, o processo de ensino-aprendizagem deve ser executado de maneira adequada. A pedagogia do esporte possui importância fundamental nesta questão. Dessa forma, há a necessidade basear-se em pressupostos teóricos para criar condições de ensino onde a criança possa desenvolver-se. Na literatura, podemos encontrar tendências pedagógicas que se unem em suas ideias principais. Neste estudo, serão destacadas algumas abordagens da Pedagogia do Esporte bastante referenciadas no ensino dos esportes coletivos.

Esse estudo se justifica pelo distanciamento que existe no ensino do tênis entre o que ocorre prática e na universidade. Professores de educação física formados nem sempre são maioria neste campo. Muitos dos treinadores que

ministram aulas nos clubes, inclusive para crianças, são ex-atletas ou jogadores em atividade, com grande habilidade e experiência no esporte. Especialistas na execução do jogo, porém sem o domínio da prática pedagógica. Geralmente, esses treinadores apenas reproduzem modelos de aula e exercícios que já realizaram enquanto atletas, selecionando-os de acordo com suas preferências. Esta falta de conhecimento teórico e planejamento pode ocasionar algo bastante recorrente: o abandono do tênis pelas crianças.

Apesar dessa realidade, pode-se observar um processo de transformação no âmbito do ensino para crianças. Devido a recentes alterações propostas pela *International Tennis Federation* (ITF) na metodologia de ensino do tênis e no formato de competição infantil, o processo de ensino na infância se mantém em constante ajuste e evolução. A utilização de espaços e materiais adaptados à criança tem trazido novas perspectivas que tentam melhor suprir as necessidades do aluno. A iniciação esportiva, que anteriormente possuía grande enfoque nos aspectos técnicos e mecanicistas, começa a ser modificada. A introdução de jogos e atividades lúdicas com enfoque mais tático desde as primeiras vivências, parece transformar as aulas de tênis, deixando-as mais atrativas aos alunos.

O objetivo central do estudo é descrever as principais concepções pedagógicas que norteiam o ensino do tênis na infância. Através dos autores estudados, buscaremos investigar as principais correntes pedagógicas presentes no ensino dos esportes em geral e do tênis, especialmente, na infância. Com isso, iremos destacar os principais aspectos presentes em cada abordagem, estabelecendo um panorama geral a cerca do ensino do tênis na infância.

A seguir, a estrutura do trabalho será apresentada em dois capítulos principais. O capítulo I aborda os aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança e a importância das adequações pedagógicas ao treinamento e à competição infantil. Também são estudadas as concepções pedagógicas presentes no ensino dos esportes, segundo autores da Pedagogia do Esporte. O capítulo II trata das abordagens mais presentes no ensino do tênis na infância, trazendo um panorama geral de como ocorre a iniciação esportiva na modalidade. Para isso, são apresentadas as duas principais abordagens que compõem o cenário do ensino do tênis para crianças: a Abordagem Clássica e as Novas concepções no ensino do

tênis. As adequações referentes ao ensino da modalidade e às propostas competitivas na infância também são abordadas nesse capítulo.

## **2. METODOLOGIA**

Esse estudo é caracterizado como uma revisão bibliográfica, portanto tem como objetivo pesquisar na literatura o que existe sobre as concepções pedagógicas no ensino dos esportes e como ocorre o processo de ensino do tênis na infância. A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos (2010), o plano de coleta de dados deve seguir os seguintes passos: identificação e localização das fontes; compilação (leituras reflexivas, crítica interpretativa e explicativa); fichamento; análise e interpretação das informações obtidas. A primeira parte do trabalho consistiu na identificação das fontes pertinentes em relação aos temas pesquisados, de acordo com a proposta do estudo. Este processo foi realizado através da leitura de livros e capítulos de livros, pesquisas na internet, artigos e trabalhos publicados. Após o levantamento bibliográfico e escolha das obras de interesse, foi realizada a localização dos materiais na Biblioteca Esefid/Ufrgs, base de dados da ITF, Google Books e Google Acadêmico. Passado o processo de localização, foi executada a fase de compilação, que consistiu na reunião sistemática dos materiais obtidos, e suas respectivas leituras. A fim de identificar e conhecer o conteúdo, além de elaborar críticas, foi realizado o fichamento das obras. Por fim, foram feitas a análise e a interpretação de todo o conteúdo estudado, para assim evidenciar as considerações finais sobre o tema abordado. A redação do trabalho foi executada de acordo com as normas da ABNT, exigência da Escola de Educação Física e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para o trabalho de conclusão de curso.

## **3. O ENSINO DOS ESPORTES**

Para que ocorra a aprendizagem de diferentes habilidades esportivas faz-se necessário o conhecimento das características da modalidade e também de seus potenciais praticantes. Para isso, além dos conhecimentos técnicos, os profissionais da área, que trabalham diariamente com a iniciação esportiva, necessitam ter bom conhecimento sobre os aspectos relacionados ao desenvolvimento motor da criança e um entendimento aprofundado das diferentes concepções pedagógicas utilizadas no ensino da prática esportiva. Acredita-se que possuindo esses conhecimentos, o

profissional deixará de apresentar limitações que podem comprometer, não apenas o andamento adequado de suas aulas, como também o desenvolvimento de seus alunos.

Desse modo, este capítulo abordará, primeiramente, os aspectos relacionados ao desenvolvimento motor infantil. Em sequência, apresentaremos algumas das concepções pedagógicas mais referenciadas na Pedagogia do Esporte. Discutiremos as ideias dos autores, buscando melhor compreender como é pensada e feita a iniciação esportiva na infância.

### 3.1 ASPECTOS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Segundo Gallahue e Donnelly (2008), a infância ocorre entre os 3 e 12 anos de idade, e é dividida em duas partes: a primeira infância ocorre entre os 3 e 8 anos, e a segunda, dos 8 aos 12 anos. Geralmente, é nesta faixa de idade (entre a primeira e a segunda infância) que a criança tem suas primeiras vivências esportivas, período que coincide com o início das aulas de educação física escolar. Na primeira infância, o ato de brincar se caracteriza como fundamental para o desenvolvimento da criança. Para Gallahue e Donnelly (2008), brincar é o meio pelo qual as crianças aprendem sobre seus corpos, além disso facilita o crescimento afetivo e cognitivo e fornece um importante meio de desenvolver as habilidades motoras grossas e finas.

Já no início da segunda infância, há um período sensível de aprendizagem, onde a criança deve ser estimulada a desenvolver suas habilidades motoras fundamentais (GALLAHUE; DONELLY 2008). Portanto, este pode ser considerado um espaço de tempo ideal para que o aluno experimente diferentes modalidades e gestos, criando assim um maior repertório motor. Corroborando com este pensamento, Barbanti (2005) defende que até os 10 anos da idade, é importante que a criança experiencie diferentes modalidades esportivas, pois é nessa fase que as crianças irão tirar o maior benefício da aprendizagem de uma grande variedade de atividades motoras.

Os movimentos oriundos dos diferentes esportes originam-se das habilidades motoras fundamentais, que são desenvolvidas de acordo com a idade, o sexo e as experiências vivenciadas anteriormente (AIRES, 2015). Gallahue e Ozmun (2001),

mencionam que as habilidades motoras fundamentais estão relacionadas apenas aos elementos básicos de um movimento particular sem realizar a combinação com outras habilidades. Segundo os movimentos realizados podemos organizar as habilidades em três categorias:

- As habilidades motoras estabilizadoras;
- As habilidades motoras locomotoras;
- As habilidades motoras manipulativas.

De acordo com o padrão motor apresentado em sua execução são classificadas em três estágios:

- Inicial;
- Elementar;
- Maduro.

Por volta dos seis anos, crianças em condições cognitivas e físicas normais influenciadas pela maturação e pelas experiências, encontram-se habilitadas para apresentar o estágio maduro em todas as habilidades motoras fundamentais. Gallahue e Ozmun (2001) mencionam ainda que a combinação das habilidades motoras fundamentais aplicadas a um esporte dá origem às habilidades motoras específicas de cada modalidade. Contudo, essa transição depende da aplicação de padrões de movimento maduros a uma grande variedade de habilidades motoras. Caso isso não ocorra, haverá prejuízo no aprendizado da habilidade.

A aquisição das habilidades motoras especializadas se dá através de três estágios:

- Estágio de transição;
- Estágio de aplicação;
- Estágio de utilização permanente.

No primeiro surgem as tentativas iniciais de combinar e refinar os padrões motores maduros, é a partir dele que emerge nas crianças o interesse no esporte e nos padrões de desempenho. No estágio de aplicação (por volta dos 11 anos) o indivíduo está mais consciente de suas capacidades e limitações, e por isso

direciona seu empenho para certos tipos de esportes e a ênfase reside na melhora da competência. Já no estágio de utilização permanente (a partir dos 18 anos) ocorre o maior refinamento das habilidades e a participação em atividades torna-se cada vez mais difícil devido ao crescente número de compromissos externos.

No ensino do tênis, alguns pontos são importantes a serem considerados quando tratamos do ensino para crianças. Ishizaki e Castro (2008) propõem uma relação entre as características motoras e as faixas etárias nas quais elas deveriam ocorrer e sugerem atividades a serem desenvolvidas com esses grupos. Apresentaremos de forma simplificada as atividades propostas correspondentes ao período da infância.

### Etapas de desenvolvimento

- *Pré-escolar (4 a 6 anos):*

Características: Lateralidade em definição. Concatenação de movimentos ainda não desenvolvida. Atenção dispersa.

Atividades principais: Jogos lúdicos. Trabalhar com bolas grandes e sem pressão. Priorizar o prazer pela atividade.

- *Escolar (7 a 9 anos):*

Características: Fase ótima para o desenvolvimento da coordenação geral. Interesse pela disputa.

Atividades principais: Priorizar a experiência motora variada. Introduzir as primeiras noções de golpes simplificados.

- *Escolar (9 a 11 anos)*

Características: Facilidade na aquisição de padrões motores mais complexos.

Atividades principais: Aprendizagem dos vários golpes do tênis. Aprendizagem de fundamentos de vários esportes.

### 3.2 A IMPORTÂNCIA DAS ADEQUAÇÕES PEDAGÓGICAS AO TREINAMENTO E À COMPETIÇÃO INFANTIL

O esporte infantil, se analisado criticamente sob o ponto de vista pedagógico, encontra como grande desafio a adequação das regras às características e necessidades de seu público alvo (PAES, 2006). Para o autor, há na iniciação esportiva uma reprodução das regras e dos modelos de treinamento adultos. Como forma de combater esse fato, deve-se compreender que as exigências dos adultos não são as mesmas que as da criança em fase de formação esportiva. A partir desse panorama, ao pensar a prática esportiva infantil, é primordial considerar as necessidades específicas da criança em seus diferentes aspectos: motor, social, psicológico, filosófico e intelectual. Nesse contexto, as regras dos jogos com crianças devem ser adaptadas, levando-se em consideração a pedagogia do esporte (PAES, 2006). A adequação das regras do jogo faz-se muito importante no ensino do tênis, uma vez que não há como dissociar a prática do tênis do jogo propriamente dito. Sendo assim, discutir sobre a adequação das regras irá refletir diretamente no processo de ensino e não somente na competição.

Marques e Oliveira (2002) mencionam que o sistema de treino é desenvolvido em um nível crescente de especialização e a competição invés de imitá-lo, faz o processo inverso, sendo realizada de forma especializada desde a fase inicial em muitas modalidades. A importância da adequação da prática esportiva infantil reside em elaborar uma articulação estreita entre o conteúdo de treino e os conteúdos da competição, de maneira que sejam considerados primordiais nessa construção os objetivos formativos (MARQUES, 1997). Para evitar os aspectos negativos advindos da realização de competições inadequadas às capacidades e possibilidades das crianças e jovens, Rost (1997) propôs a implantação de conteúdos e estruturas no sistema de competições que busquem:

- 1) Oferecer apoio ao treinamento que esteja à medida da criança e do jovem;
- 2) Opor-se a especialização precoce;
- 3) Promover a construção de uma perspectiva em longo prazo da prestação esportiva nessas idades.



As modificações necessárias na formação esportiva infantil se justificam pela necessidade de criar situações de facilitação que permitam aos indivíduos a participação em atividades ao nível de suas qualidades e capacidades condicionadas pelos estágios de desenvolvimento, pela idade e pelo nível de treino (MARQUES, 1997). Sendo assim, é fundamental, conforme já mencionado anteriormente, discutir não só a importância, mas também formas de se realizar essas adequações. No item que aborda as novas concepções ensino do tênis são tratadas as alternativas específicas para a modalidade.

### 3.3 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

A pedagogia do esporte possui diferentes abordagens. Cabe ao professor conhecê-las e compreendê-las, para poder criar sua própria forma de ensino, baseada nos conhecimentos absorvidos durante sua formação. É importante ressaltar que o contexto - cultura local, ambiente, características dos alunos - também irá influenciar no modo do professor atuar (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Um grande equívoco de alguns profissionais da área da educação física é a reprodução cega de outros modelos, sem questionamentos a cerca de sua prática pedagógica, nem ao menos entender o porquê e o para que está ministrando suas aulas de determinada forma. Com isso, o profissional poderá comprometer o processo de aprendizagem das crianças, tendo em vista que esta é uma importante fase sensível de desenvolvimento do indivíduo (GALLAHUE; DONNELLY 2008).

Apesar de existirem diferentes abordagens e concepções, é possível perceber algumas semelhanças em suas ideias principais. De forma geral, grande parte busca criar, a partir de sua pedagogia, um ambiente propício ao aprendizado e desenvolvimento da criança como um todo. Não se pode ter como objetivo apenas o desenvolvimento desportivo do aluno, o que também é importante. Tendo em vista que a grande maioria das crianças que iniciam sua prática esportiva, por diversos motivos, não se tornarão atletas, é preciso também se preocupar com outro aspecto, como a transmissão dos valores éticos, morais e sociais (SANTANA, 2005). Diante disso, fica exposta uma preocupação com a formação do indivíduo, independentemente de se tornar ou não um atleta.

A título de introduzir o tema das concepções pedagógicas, cabe realizar algumas considerações sobre dois métodos ensino muito difundidos no ensino dos esportes, são eles, o método analítico e o método global. O método analítico caracteriza-se pela segmentação do ensino, seja ela referente ao gesto técnico ou ao ensino do jogo. Sánchez (1999) afirma que nesse contexto, o progresso do aluno se produz pela acumulação de progressos parciais (exercícios técnicos), partindo da ideia que o aluno não possui conhecimento sobre os gestos, pois o professor é detentor do mesmo. Nesse método, tem-se como pressuposto que a atividade deve ser segmentada para sua melhor compreensão. Na realização das tarefas, a técnica é dividida em estágios para que seja possível o seu aperfeiçoamento. Da mesma forma, o ensino do jogo acaba tornando-se compartimentado, uma vez que as técnicas foram aprendidas separadamente, sem relação entre as mesmas e sua utilização no jogo.

Por sua vez, o método global parte do pressuposto contrário ao método analítico, pois estabelece que o ensino deve ser realizado do geral para o específico, do ensino do jogo para o ensino da técnica. A tática aparece como fator importante, pois através dela, a técnica pode ser desenvolvida. Nesse método a inserção da aprendizagem da técnica ocorre no momento de jogo, estabelecendo desde o princípio uma relação constante entre o jogo e a técnica. A aprendizagem do golpe é feita de forma global, sem que haja a segmentação em fases (ISHIZAKI E CASTRO, 2008). Acredita-se que dessa forma o aprendizado se torna mais proveitoso e motivador, uma vez que a criança está inserida no jogo propriamente dito desde o início de sua prática.

No que é referente às correntes pedagógicas presentes na literatura, Reverdito e Scaglia (2009) descrevem algumas abordagens que rompem com os paradigmas do ensino tradicional. Os autores propõem uma categorização das diferentes concepções pedagógicas a partir dos estudos de diferentes autores de renome na área da Pedagogia do Esporte. As categorias estabelecidas foram delineadas de acordo com a similaridade entre as ideias principais por cada autor. Dessa forma, por considerar a categorização proposta por Reverdito e Scaglia (2009) a mais adequada de acordo com os objetivos deste estudo, optou-se por utilizá-la como referência para a organização das concepções pedagógicas no

ensino dos esportes. A partir das ideias expostas nas categorias, foram consultadas as fontes primárias de cada autor para poder complementar o estudo.

As categorias propostas por Reverdito e Scaglia (2009) que irão orientar este estudo são:

- 1) A Pedagogia do Esporte segundo Paes e Balbino;
- 2) A Pedagogia do Esporte segundo Scaglia e Freire;
- 3) A Pedagogia do Esporte segundo Garganta e Graça;
- 4) A Pedagogia do Esporte segundo Kröger e Roth e Greco e Benda.

### **3.3.1 A Pedagogia do Esporte segundo Paes e Balbino**

Para Paes (2002), é ultrapassado tratar a pedagogia do esporte com uma visão reducionista. Há a necessidade de enxergar novos caminhos para o ensino esportivo. O ato de ensinar não pode se limitar apenas a questões físicas, técnicas e táticas, desprezando fatores importantes como a moralidade, afetividade e sociabilidade. Paes e Balbino (2005) reiteram que na Pedagogia do Esporte, além de saber o por quê fazer, é necessário compreendermos o que fazer, o quando fazer e o como fazer. Paes (2002) ressalta que para que possa ser desenvolvida uma estrutura pedagógica, alguns aspectos devem ser considerados:

- Pensar a modalidade a ser ensinada.
- Pensar em qual ambiente será ensinada.
- Conhecer os personagens desta prática e suas características.
- Compreender os diferentes significados da prática para cada personagem.

Nesse contexto, Paes (2002) utiliza-se de três referenciais para estruturar sua proposta: O que ensinar, quando ensinar e como ensinar. Tentando responder a estes questionamentos, Paes (2001;2002) organiza as fases de ensino e sistematiza os conteúdos a serem trabalhados tendo como base o ensino formal (escolar). Essa organização é proposta em três grupos, dos quais abordaremos os dois primeiros, de acordo com as idades condizentes como nosso estudo.

### Ensino Infantil:

- Ideal para o desenvolvimento das habilidades motoras e das inteligências.
- Início do processo de construção de valores.

### Ensino fundamental:

- Pré-iniciação (7-8 anos): Domínio corporal; manipulação da bola.
- Iniciação I (9-10 anos): Fundamentos básicos do jogo.
- Iniciação II (11-12 anos): Finalizações e fundamentos específicos.
- Iniciação III (13-14 anos): situações de jogo; sistemas táticos.

Outra proposta pedagógica, tratada por Balbino (2001) e Paes e Balbino (2005) baseia-se na Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1994). Nesse contexto, é abordada a utilização dos Jogos Desportivos Coletivos (JDCs) como meio para o desenvolvimento integral do indivíduo, potencializando suas múltiplas inteligências, listadas abaixo (BALBINO,2001; BALBINO;PAES 2005):

- Inteligência Corporal Cinestésica: relacionada com a resolução de problemas com o corpo.
- Inteligência Lógico-matemática: relacionada com a resolução de problemas utilizando padrões lógicos.
- Inteligência Musical: relativa à fabricação de produtos utilizando-se de ritmos e sons.
- Inteligência Espacial: relativa à localização no espaço.
- Inteligência Verbal-linguística: relacionada com resolução de problemas utilizando-se da linguagem verbal.
- Inteligências Pessoais (intrapessoais e interpessoais): do ser consigo mesmo e com ser com o ambiente social.
- Inteligência Naturalista: diz respeito às relações do homem com o meio ambiente.

Com isso, Paes e Balbino (2005) ressaltam a importância das múltiplas inteligências nas diversificadas situações que apresentam os Jogos Desportivos Coletivos. Cada uma dessas inteligências possui relação direta com os jogos, e

pode ser desenvolvida através deles. Desse modo, os autores apresentam pressupostos que estimulem a facilitação das mesmas, partindo do princípio que todos possuem todas as inteligências:

- O processo de iniciação e formação esportiva é essencialmente educativo.
- O ambiente é responsável pelo estímulo das múltiplas inteligências.
- Compõe o ambiente de aprendizagem os pais, professores, técnicos, companheiros, ambiente físico e atividades e o conjunto de sistemas e subsistemas que daí se estabelecem.
- O ambiente de iniciação e formação em Jogos Desportivos Coletivos é um sistema, funcionando como um todo na interação de seus elementos.
- Os resultados alcançados dentro desse ambiente, em qualquer nível, são determinados pela qualidade dos relacionamentos obtidos entre seus integrantes.
- A ação pedagógica transcende o método.

Nessa perspectiva, portanto, a capacidade do indivíduo de encontrar soluções para os diferentes contextos dos jogos, através das inteligências, possui caráter fundamental. Simplesmente dar a solução ou resposta para o aluno não nos parece adequado. O professor deve criar um ambiente que seja favorável a aprendizagem dos alunos. Uma das formas de atender a esta necessidade se dá com a utilização do jogo possível. Essa estratégia pode ser compreendida na adaptação de jogos, atividades e brincadeiras, que, para as crianças, possui fundamental importância (PAES 1999;2002). Com o intuito de fazer com que todos os alunos participem e consigam realizar as tarefas com qualidade, qualquer jogo ou atividade pode e deve ser adaptada, estimulando a integração e a colaboração de todos os indivíduos nos jogos. Essas adequações podem ser feitas através de mudanças nas regras, aumento ou diminuição dos espaços utilizados e adaptação dos materiais. Paes (2002) propõe que sejam elaboradas e utilizadas atividades diversificadas. No período da iniciação esportiva, deve-se dar uma grande ênfase na importância do desenvolvimento das habilidades motoras. Desse modo, podemos identificar que quanto mais variadas as atividades, maior o repertório motor adquirido pelo aluno.

### 3.3.2 A Pedagogia do Esporte segundo Scaglia e Freire

Segundo Scaglia (1999; 2003), a pedagogia deve estar adequada e comprometida com o indivíduo no processo, considerando os aspectos importantes para o mesmo. Nessa mesma linha, Freire (1997) propõe uma pedagogia que não se limite a dos modelos exclusivistas, onde o indivíduo é apenas objeto resultante do processo. É preciso olhar e entender o esporte através de quem o pratica. A criança, neste caso, não pode ser tratada como um adulto em miniatura, pois desta forma apenas os maiores e mais fortes serão capazes de seguir na prática com sucesso (GONÇALVES, 2014). Além disso, é preciso compreender que o compromisso de ensinar possui relação direta com o de formar, e portanto deverá ter princípios que serão norteadores de todo o processo (SCAGLIA E SOUZA, 2004). Freire (2003) propõe quatro princípios norteadores de sua proposta pedagógica:

- Ensinar esportes a todos: diretamente relacionado com a princípio da inclusão. Na educação física, a inclusão ocorre na forma de que todos os alunos possam participar das atividades de aula, independentemente de suas habilidades ou limitações. O ensino do esporte deverá contemplar as necessidades de todos os alunos, tanto daqueles que não possuem experiências anteriores naquela atividade quanto àqueles que já partem de um entendimento maior sobre o jogo.
- Ensinar bem esporte a todos: Para o autor, não basta apenas ensinar o esporte a todos. Deve-se ter o compromisso ensinar bem o esporte, tendo em vista que o esporte é considerado um direito universal.
- Ensinar mais que esporte a todos: Considerando o papel educacional do esporte, seu ensino deve ser pensado totalidade do indivíduo. Aspectos éticos, morais, sociais e afetivos devem ser contemplados.
- Ensinar a gostar do esporte: A fim de que o indivíduo pratique o esporte por prazer, não só no período em que está na escola, é importante fazer com que ele goste da prática e crie uma cultura de jogar.

Desse modo, podemos compreender que o esporte deve servir como um meio facilitador na construção de valores, para a criança se desenvolver e tornar-se um ser melhor (SCAGLIA; SOUZA, 2004). A proposta de Freire parte da integração do indivíduo e suas relações estabelecidas no ambiente (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Para Scaglia (1999), o ato pedagógico deve preconizar mais que ensino da técnica e no esporte deve caminhar para além dos aspectos físicos, técnicos, estratégicos e táticos, sem que seja diminuído, pois se trata de um conhecimento cultural, desenvolvido ao longo da história da humanidade.

O jogo é trazido por Scaglia (1999) como um elemento fundamental no processo de ensino, que estimula, desafia e facilita a aprendizagem. Nesse sentido, é necessário compreender o jogo de forma integrada, sem que haja sua redução a partes isoladas (FREIRE, 1997). Para o autor, a subdivisão no ensino dos esportes não parece ser muito adequada, tendo em vista que dessa forma, a criança não consegue desenvolver a capacidade tática de jogo. Desse modo, torna-se difícil para a criança relacionar os aspectos ensinados separadamente com as situações características dos jogos.

Através de jogos populares, brincadeiras com bola e jogos adaptados o autor busca trazer uma pedagogia de rua para o ambiente de ensino. E, com a utilização desses recursos, fazer com que a criança aprenda jogando. Com esse pensamento, Scaglia e Souza (2004) reiteram que as atividades lúdicas servem como meio viável para o processo de ensino-aprendizagem, visando a compreensão do jogo. Nessa perspectiva, os autores propõe que para o ensino dos jogos, a parte técnica deve ser desenvolvida a partir de uma necessidade tática do jogo, refutando modelos tecnicistas. Para Scaglia (1999), o professor deve propor atividades que sejam coerentes com o nível de habilidade dos alunos, evitando a desmotivação do aluno, tanto por realizar atividades com extrema facilidade, quanto por não conseguir atingir os objetivos propostos. Cabe ressaltar que, mesmo que as atividades não sejam exatamente iguais ao jogo, o aluno pode transferir seus aprendizados táticos para o mesmo.

A seguir, apresentaremos as propostas pedagógicas de Scaglia (1999) e Freire (2003). A Pedagogia do Esporte deve proporcionar ao aluno obstáculos, novos desafios e exigências, em que possa ser instigado a aprender esportes de forma crítica e autônoma e ser capaz de transformá-los (SCAGLIA; SOUZA, 2004).

Ainda segundo os autores, o processo de ensino-aprendizagem deve contemplar o jogo a partir de sua abordagem tática, para que assim o aluno compreenda o jogo e suas estruturas. Scaglia (1999) sistematiza uma pedagogia estruturada em quatro faixas etárias e com propostas diferenciadas, das quais apresentaremos as duas primeiras, por ser a faixa etária tratada nesta revisão.

#### 7-8 anos

- Jogo baseado nos fundamentos básicos.
- Fase propensa para a aquisição e desenvolvimento das habilidades motoras básicas.
- Ênfase sobre a exploração das habilidades motoras.

#### 9-10 anos

- Jogo alicerçado pelos fundamentos básicos.
- Ênfase maior na execução dos movimentos aprendidos anteriormente.
- Concretização dos fundamentos básicos que já foram assimilados.

Já Freire (2003) organiza sua proposta pedagógica dividida também por idades, mas ressalta que, como essa proposta leva em consideração as interações do indivíduo envolvido no processo e que cada um parte daquilo que já sabe, as crianças podem apresentar níveis de formação do aprendizado diferentes.

#### Iniciantes I (6 e 7 anos)

- Noções básicas dos fundamentos.
- Aprendizado e construção de regras a serem seguidas.
- Atividades lúdicas.
- Desenvolvimento de habilidades motoras gerais.

#### Iniciantes II (7,8 e 9 anos)

- Processo semelhante ao nível anterior.
- Continuidade no aprendizado e construção de regras.
- Noções básicas dos espaços do campo/quadra.



### Básico I (9,10 e 11 anos)

- Introdução às regras do esporte;
- Experimentação das diferentes posições (esportes coletivos);
- Princípio das correções técnico-táticas;
- Formas adaptadas do esporte, ainda com a prioridade de atividades lúdicas.

### **3.3.3 A Pedagogia do Esporte segundo Garganta e Graça**

Em sua proposta pedagógica, Garganta (1995) propõe a utilização de jogos situacionais guiados por níveis de complexidade. O autor ressalta dois aspectos fundamentais dos Jogos Desportivos Coletivos: a cooperação e a inteligência. A cooperação está relacionada diz respeito à comunicação entre os integrantes de uma mesma equipe, e a contracomunicação estabelecida entre os jogadores de equipes adversárias (cooperação-oposição). Neste contexto, o jogo é um campo ideal para que os participantes expressem sua individualidade, manifestem suas capacidades e aprendam a sobrepor os interesses da equipe aos interesses individuais. A inteligência é entendida como capacidade do indivíduo de se adaptar às diferentes situações que podem ocorrer no jogo, elaborando e encontrando respostas adequadas às situações encontradas.

Em outra obra, Garganta<sup>1</sup> (*apud* REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 84), menciona que os Jogos Desportivos Coletivos formam um microssistema complexo e dinâmico, onde a soma dos valores individuais não compõe o todo. O todo só é construído a partir da interação entre todos o elementos do jogo. Para compreendermos o todo, o autor apresenta os elementos comuns nos jogos:

- A bola.
- O espaço de jogo.
- O alvo.
- As regras .
- Os jogadores.

---

<sup>1</sup> GARGANTA, J. Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. **Estratégica e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, 1996.

Garganta (1995) verifica a possibilidade de uma transferência do aprendizado das práticas, devido a suas similaridades, a qual privilegia o ensino-aprendizagem a partir das estruturas dos jogos. Uma pedagogia que busca fazer o aluno perceber as características comuns nos Jogos Coletivos Desportivos, e dessa forma, permitindo a ele compreender a estrutura do jogo.

O ensino proposto por Garganta (1995) baseia-se na aprendizagem através de jogos condicionados, os quais terão sua complexidade sistematizada de forma progressiva. Os jogos propostos devem manter as características de cooperação-oposição, além de proporcionar à criança um ambiente propício para o desenvolvimento da inteligência tática. Busca-se que através dessa inteligência tática, o aluno possa ter uma melhor compreensão do jogo. Para isso, o autor ressalta que devem ser utilizadas adaptações com relação ao espaço, fazendo com que o jogo atenda às necessidades dos praticantes. Além disso, expõe a importância da ludicidade no ensino.

Como forma de organizar os conteúdos numa sequência adequada, Garganta (1995) propõe uma organização estruturada em diferentes aspectos:

- Jogador-objeto: relação do jogador com a bola;
- Jogador-objeto-alvo: relação do jogador e a bola com o alvo;
- Jogador-objeto-adversário: relação do jogador com a bola e o adversário;
- Jogador-objeto-colega-adversário: relação do jogador com a bola, o colega e o adversário;
- Jogador-objeto-colegas-adversário: relação do jogador com a bola, os colegas e o adversário;
- Jogador-objeto-equipe-adversário: relação do jogador com a bola, sua equipe e o adversário.

Garganta (1995) organiza as fases características apresentadas pelos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem:

- Jogo anárquico: fase em que os alunos concentram-se basicamente no objeto (bola), caracterizando uma falta de organização e de compreensão do jogo.

- Descentralização: nesta fase, os alunos ainda estão centrados no objeto (bola), porém com uma maior compreensão dos jogos.
- Estruturação: fase em que há uma melhor organização nos espaços de quadra.
- Elaborada: fase em que ações coletivas ganham corpo, e todos jogam em função da tática coletiva.

Além disso, o autor orienta as unidades funcionais do jogo através dos princípios de ação e regras de gestão de jogo, as quais correspondem:

- Estruturação do espaço: de acordo com o espaço de jogo, ocupar os espaços de forma equilibrada, tanto nas ações defensivas quanto nas ofensivas.
- Comunicação e ação: utilizar-se de estratégias e táticas de acordo com as situações de jogo, em todas as ações.
- Relação com a bola: integração das ações estratégicas e táticas com as coordenativas-técnicas em relação à bola.

Graça (1995) propõe que o processo de ensino-aprendizagem oportunize ao aluno encontrar soluções para as diferentes situações encontradas nos jogos, utilizando-se de suas habilidades. Para isso, o aluno precisa estar pronto para lidar e responder aos os diferentes contextos apresentados nos jogos. Portanto, ainda segundo o autor, duas ordens de problemas devem ser consideradas. O que, quando e por quê fazer, e o como fazer. Enquanto as três primeiras indagações se referem às escolhas de realizar determinados movimentos ou jogadas (aspectos táticos), o como fazer se relaciona com a execução do gesto (aspectos técnicos).

Para melhor organizar e sistematizar sua proposta, Graça (1995) baseia o processo de ensino-aprendizagem na progressão, no refinamento e na aplicação. A progressão está relacionada com as decisões estabelecidas que envolvem a estruturação sequencial do grau de complexidade das tarefas. O refinamento constitui-se nas escolhas e na execução dos movimentos pelos alunos. Já a aplicação se relaciona com as situações de competição e autoavaliação nas situações estabelecidas de jogo.

Geralmente, as propostas para JDCs apresentam-se baseadas em uma progressão sequenciada e orientada pelo nível de complexidade. Porém, Graça

(1995) não se utiliza deste método. Para o autor, não há necessidade de se propor um sequenciamento das situações, pois qualquer situação apresenta possibilidades inesgotáveis. Com isso, a situação seguinte sempre terá alguma relação com a anterior, mesmo não seguindo uma sequência.

Nesse contexto, o professor deve criar condições para que o aluno desenvolva sua leitura de jogo, ou seja, a compreensão do mesmo através das diferentes situações propostas. O professor deve instigar o aluno a pensar, criar suas próprias alternativas, invés de repassar uma resposta única e pronta. Para isso, é necessário que o profissional tenha seus objetivos claros e estabelecidos, realizando assim o ensino explícito do jogo, aspecto considerado importante pelo autor.

### **3.3.4 A Pedagogia do Esporte segundo Kröger e Roth e Greco e Benda**

Nesta perspectiva, Kröger e Roth (2002) trazem o contexto de que o aprendizado das crianças acontecia nos parques, ruas e praças, porém esses locais de prática foram substituídos pelas escolinhas e clubes. E que, nessa realidade, o ensino muitas vezes é voltado para o rendimento esportivo das crianças. De encontro a essas afirmações, Greco e Benda (1998) criticam o modelo tecnicista muitas vezes utilizado no processo de iniciação esportiva e que, segundo eles, em nada contribui para a compreensão do jogo. O ensino dos esportes deve contemplar diferentes e variados movimentos e experimentações em vários esportes, levando-se em consideração o caráter generalista da criança (KRÖGER; ROTH, 2002).

Kröger e Roth (2002) propõem uma escola da bola, onde possa ser criada uma cultura do jogar. Os autores entendem que o ensino da escola da bola deve ser orientado de forma que o aprendizado possa ser transferível e geral para todos os esportes coletivos. Essa transferência de aprendizado deve ocorrer tanto nos aspectos técnicos, do gesto motor em si, quanto nos aspectos táticos que envolvem os jogos desportivos coletivos. Para isso, baseiam-se em três pilares principais:

- Os jogos situacionais, onde através do reconhecimento das situações de jogo, seja desenvolvida a capacidade tática do indivíduo;

- A orientação para as capacidades coordenativas, onde são desenvolvidas as capacidades motoras básicas, que permitirão uma transferência para técnicas específicas de uma modalidade;
- A orientação para as habilidades, onde são desenvolvidas diversas habilidades técnicas e elementos comuns em vários esportes.

Neste sentido, a escola da bola se utiliza de jogos situacionais sistematizados e organizados, com intuito de desenvolver a capacidade de jogo do aluno. Os autores propõe os jogos situacionais, dividindo-os por classes de tarefas que orientarão os procedimentos para o desenvolvimento da capacidade geral do jogo e competência tática. As classes de tarefas estão relacionadas com a tática do jogo, de acordo com quatro aspectos:

- O relacionamento com o objetivo: chegar com a bola ao objetivo, acertar o alvo.
- O relacionamento com o colega: jogo coletivo.
- O relacionamento com o adversário: reconhecer espaços, superar o adversário.
- O relacionamento com o ambiente: oferecer-se e orientar-se.

Desse modo, os jogos elaborados pelo professor deverão cumprir certas exigências, como não serem específicos para uma modalidade esportiva (KRÖGER; ROTH, 2002). Outro ponto importante diz respeito a adaptação dos jogos, que deve ser feita de acordo com os alunos e o entendimento do professor, criando assim um ambiente facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Com objetivos parecidos, Greco e Benda (1998) propõe seu processo de voltado para compreensão do jogo, por meio de situações contextualizadas e jogos modificados. Através destes, a criança pode melhorar tanto sua capacidade tática quanto sua capacidade técnica. Para tal, a proposta pedagógica dos autores é dividida em três tópicos principais:

- Tomada de decisão e formação de conceitos por parte dos alunos;
- Compreensão dos contextos dos jogos esportivos;
- Importância da tática na iniciação esportiva.

A ênfase dada ao pensar e ao compreender e assimilar o jogo possibilita à criança experimentar variados movimentos e descobrir as soluções para as diferentes situações que se apresentam nos jogos. Os autores Greco e Benda (1998) dividem seu processo de ensino em duas etapas, a qual daremos ênfase apenas na primeira, pois contempla a faixa de idade corresponde a infância. Dos 4 aos 10-12 anos de idade, é proposta a etapa de Iniciação Esportiva Universal.

#### Iniciação Esportiva Universal - 6 a 12 anos:

- Exploração e desenvolvimento das capacidades motoras e coordenativas (de forma progressiva).
- Utilização de atividades lúdicas e brincadeiras.
- Jogo adaptado às características da criança.
- Ampliação do repertório motor.

#### 4. O ENSINO DO TÊNIS

O tênis é um esporte individual, disseminado e praticado de forma predominante em clubes e academias. O esporte se faz presente nos jogos olímpicos, e é assistido e praticado por milhões de pessoas no mundo. No Brasil, possui transmissões de televisão apenas em canais fechados, limitando o público atingido por este conteúdo. Apesar de já ter tido grandes ídolos e ícones esportivos no Brasil, com o principal deles sendo Gustavo Kuerten, o tênis ainda não pode ser considerado um esporte popularizado em nosso país. Segundo Cortela *et al.* (2012, p. 217):

“O tênis ainda é considerado um esporte de elite, tendo sua prática restrita a uma pequena parcela da população brasileira de maior poder aquisitivo. A falta de instalações públicas associada à ausência da disciplina tênis de campo na maior parte das universidades brasileiras tem dificultado a disseminação desta modalidade uma vez que, a escassez de profissionais capacitados tem ausentado o tênis do ambiente escolar, deixando de atender uma enorme parcela da população.”

Devido a esses e outros aspectos, a prática do tênis não consegue disseminar-se no País e, com isso, torna-se mais difícil a revelação de novos atletas profissionais, fator que contribui para a baixa tradição brasileira na modalidade.

Quanto à técnica do esporte, o tênis possui 5 golpes básicos, descritos por Ishizaki e Castro (2008):

- *Forehand*: é o golpe executado com o lado da mão que empunha a raquete, e normalmente é o primeiro golpe a ser ensinado.
- *Backhand*: também conhecido como revés, é a batida executada pelo lado oposto ao do braço dominante do tenista.
- Saque: o saque, ou serviço, é considerado o golpe mais importante do jogo, pois é através dele que se iniciam os pontos. É o único golpe que possui interferência apenas do próprio jogador.
- Voleio: é o golpe utilizado próximo à rede, onde a bola é interceptada pelo tenista antes de tocar o solo.

- *Overhead*: é o golpe executado acima da altura da cabeça durante o ponto, muito semelhante ao movimento de saque.

Apesar do pequeno número de golpes básicos, há uma uma gama infinita de combinações e jogadas que podem ser executadas durante cada ponto. A cada bola, o jogador pode executar variações nos seus golpes, quanto à: profundidade, velocidade, rotação, angulação e altura (CBT, 2015). Por isso, o tênis possui uma característica importante: a imprevisibilidade. Teixeira (2011) afirma que as modalidades esportivas abertas, como o tênis, possuem grande e maior interferência das habilidades cognitivas do que as modalidades fechadas. A capacidade do tenista de antever as jogadas do adversário e se adaptar aos diferentes estilos de jogo exige, além de habilidades físicas e técnicas, grande esforço cognitivo. Durante o jogo, a parte tática e psicológica pode ser tão importantes quanto a parte técnica. Quanto as habilidades da necessárias para a prática da modalidade, o aluno deve desenvolver dois tipos de habilidade: a de recepção a de projeção (ISHIZAKI; CASTRO, 2008). Segundo os autores, as habilidades de recepção estão relacionadas com a capacidade de julgar corretamente o percorrido da bola (velocidade, efeito, trajetória, angulação) e de colocar-se em uma posição adequada que lhe permita executar determinado golpe. Já as habilidades de projeção estão relacionadas com a capacidade de desenvolver e utilizar as técnicas necessárias para, após o posicionamento adequado, poder dirigir o golpe ao alvo desejado.

Sobre o ensino do tênis, cabe ressaltar que possui características específicas da modalidade. Com isso, as concepções pedagógicas abordadas, não necessariamente se encaixam com a realidade deste esporte. Segundo Crespo (1999) o ensino do tênis praticamente não sofreu alterações por um grande período, e uma das prováveis razões foi que o método tradicional de ensino tinha seu foco apenas na técnica do esporte, sem compreender o verdadeiro caráter do jogo.

A seguir, este capítulo apresentará as principais abordagens presentes no ensino do tênis na infância: a abordagem clássica e as novas concepções para o ensino do tênis. A forma de ensino mais associada ao tênis, que perdurou por décadas e ainda pode ser observada em clubes e academias no Brasil, é o método tradicional. Baseado nos treinamentos de atletas adultos de alta performance, este método preconiza o desenvolvimento da técnica ideal para obtenção de resultados em competições. Em contraponto à esta abordagem, mais recentemente, outras



abordagens vem ganhando força, em se tratando da iniciação ao tênis: o programa *Play and Stay* é uma delas. Com uma concepção mais voltada para atender às necessidades da criança, através de jogos e brincadeiras, tem como objetivo tornar mais fácil e prazeroso o processo de iniciação ao tênis.

#### 4.1 ABORDAGEM CLÁSSICA

As abordagens clássicas são caracterizadas fundamentalmente por seu viés tecnicista, que prioriza o desenvolvimento e aprimoramento da técnica, a fim de se chegar a um padrão de movimento considerado perfeito. São muito utilizadas para o treinamento dos tenistas de alto rendimento, desde juvenis a profissionais. Para se chegar a este estágio técnico almejado, são necessárias exaustivas sessões de treinamento especializado. Essas abordagens são alicerçadas em concepções mecanicistas, onde a fórmula de repetição dos movimentos possui importância bastante significativa (GARCÍA, 2009). Desta forma, através dos aspectos técnicos do jogo, possuem como objetivo principal o desempenho do tenista (VALENTINI *et al.*, 2009).

O processo de iniciação esportiva ocorre de forma similar a dos adultos, seguindo os mesmos pressupostos e organização do treinamento. Nesse contexto, os golpes básicos do tênis (*forehand*, *backhand*, saque, voleio e *overhead*) são ensinados de forma separada e com métodos analíticos. Geralmente a aquisição da técnica da modalidade ocorre através dos chamados *drills*, exercícios educativos de padrão fechado que servem primordialmente para a correção da execução das técnicas do tênis. É comum, na concepção tecnicista, o aluno passar várias semanas executando e aperfeiçoando apenas um mesmo golpe, para, após ter um domínio maior sobre ele, iniciar a aprendizagem dos outros. O próprio ensino da técnica é transmitido pelo professor de forma segmentada, dividido em suas fases. As aulas apresentam pouca ou nenhuma presença de atividades lúdicas e jogos - os mesmos só vem a ocorrer após a criança já possuir, na visão do professor, habilidade suficiente para a disputa. Valentini *et al.* (2009) reitera que, em muitos casos as abordagens clássicas dispensam os aspectos lúdicos do esporte para priorizar técnica perfeita, e, desta forma, observa-se um processo exclusivo das crianças com menos habilidade na sua prática.

Segundo Teixeira (2011), as confederações nacionais preconizam que a iniciação para crianças seja realizada de forma lúdica e recomendam o método do Mini-tênis como o mais adequado dos 5 aos 10 anos de idade. Porém muitas vezes é possível observar as crianças praticando o tênis em quadra oficiais bem antes dessa idade, com o objetivo de participar de atividades competitivas. Para melhor compreendermos esta situação, no Brasil, é de total importância salientar que ainda há uma distância entre o que ocorre na prática e na universidade. Por ser um esporte não tão difundido no país, o mercado profissional do tênis pode ser considerado, ainda, bastante restrito.

Parte dos profissionais da área é composta por jogadores e ex-atletas, e, desse modo, é possível encontrarmos alguns problemas no ensino do tênis. Para Scaglia (1999) e Scaglia e Souza (2004), não basta somente saber jogar bem para também ensinar bem esportes, situação constantemente encontrada nas escolinhas de esportes com ex-jogadores na função de professores. Segundo Balbinotti (2009, p. 9):

O ensino do tênis tradicional sempre esteve alicerçado nas experiências adquiridas pelos tenistas que atingiram o alto rendimento esportivo, e não se discute a relevância desse conhecimento em todas as fases do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, para dar início aos primeiros passos da formação completa do tenista, é imprescindível estabelecer as bases teórico-metodológicas, as quais constituem os principais requisitos à adequada sistematização do modelo educativo e, inclusive, à emergência de novas perspectivas de aprendizagem para o ensino do tênis

Estes métodos, que se utilizam basicamente de movimentos mecânicos e repetitivos, não parecem estar alinhados com o que pensam os estudiosos da área do Desenvolvimento Motor na infância. Para Sánchez (1999), essa abordagem ignora uma questão essencial no processo de ensino-aprendizagem: a criança. Não há preocupação com os interesses do aluno, nem com as capacidades da criança em assimilar os exercícios propostos. Nas idades em que o ideal seria a experimentação de diferentes movimentos, as crianças apenas reproduzem os mesmos golpes indicados pelo professor. Para Ré e Bojikian (2011, p. 128),

“[...]a excelência no desempenho de habilidades motoras fechadas requer um alto nível de capacidade condicional, fazendo que, para a obtenção de resultados a curto prazo, a criança seja submetida precocemente ao seu treinamento, eliminando a interferência de instabilidades no ambiente (mínima participação dos processos cognitivos de percepção e tomada de decisão). Assim, o trabalho

com professores competentes, respeitando as fases de desenvolvimento da criança, é fundamental para que não sejam queimadas etapas em função de resultados imediatistas[...].”

Neste sentido, na área da Pedagogia do Esporte, há grande preocupação em relação à especialização precoce, tratada por KUNZ (2010) como o processo em que as crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo com o objetivo do gradual rendimento e participação em competições esportivas. Balbino *et al.* (2013, p. 48) tratam esse processo como

“[...] uma exigência prematura feitas às crianças de que realizem gestos técnicos em questão com perfeição e eficiência, em situações táticas complexas que atendam à demanda de competição em alto nível de exigência”, antecipando fases do processo de aprendizagem esportiva, valorizando mais a criança executar tarefas do que levá-la a compreender o esporte e o prazer de sua prática [...]”.

Essa especialização pode ainda gerar uma cobrança por resultados imediatos e conseqüente aumento das cargas de treinamento, limitando o repertório motor da criança, esgotando seu potencial adaptativo, deixando-a mais propensa a lesões e levando-a ao abandono da prática esportiva (BEDOYA; 1999; BÖHME; LUGUETTI; 2011). Dentre as razões para a interrupção estão indicadas a falta de motivação e a monotonia do treinamento (BAUR; 1993), fatores muitas vezes presentes neste tipo de abordagem.

Para Kaneta e Lee (2011), o desempenho esportivo, objetivo central das concepções tecnicistas, pode ser avaliado principalmente em situações de jogo e competição, ressaltando a importância da competição no contexto esportivo. No caso do tênis, esse contexto não é diferente: também podemos perceber o enfoque competitivo bastante presente como meio avaliador dos alunos, pois os resultados em torneios são bastante valorizados desde cedo. Os tenistas que recebem destaque nos clubes são aqueles que conquistam os melhores resultados nos campeonatos e torneios. Os campeões das categorias, geralmente os mesmos, são premiados, enquanto os perdedores das partidas são eliminados das etapas. Neste caso, é bastante possível que ocorra um processo de desmotivação das crianças que não conseguem alcançar as vitórias.

#### 4.1.2 Sistema Competitivo

Seguindo as regras do circuito masculino de tênis da *Association Tennis Professionals* (ATP, 2015), os torneios são disputados no sistema de eliminatória simples. Esse sistema de chaveamento constitui-se basicamente de rodadas de jogos consecutivas, onde os vencedores progridem para a próxima fase e os perdedores são eliminados, até que um jogador sagre-se campeão” (CAZETTO, MONTAGNER; 2013). Além disso, para Gonçalves (2014) esse sistema é o mais utilizado no modelo adulto especializado, caracterizando-se também como o formato mais competitivo, pois permite a vitória de apenas um jogador.

Na perspectiva tradicional de ensino, a competição, considerada o objetivo principal do treinamento, se faz bastante presente (SÁNCHEZ, 1999). Cabe ressaltar que a competição, no contexto da iniciação esportiva, não deve ser considerada um problema (BALBINO *et al.*, 2013). Na infância, o desejo de competir é considerado normal, trazendo como referência os exemplos dos ídolos e atletas profissionais vencedores na modalidade. Porém, ainda segundo os autores, o problema das competições parece estar na forma em que são conduzidas e nos objetivos de quem as propõe e organiza. No caso do tênis, Teixeira (2011) relata que as competições para crianças de 10 anos são disputadas sem quaisquer adaptações com relação ao espaço e equipamentos de jogo, com o mesmo rigor e regras exigidas dos tenistas profissionais. A única adaptação prevista, de acordo com a organização do torneio, está relacionada com o tempo de esforço da criança, através da utilização de *sets* curtos (até 4 *games*) ou *tiebreaks* (até 10 pontos). Para Barrell (2007) e Gonçalves (2014), a duração da competição é tão importante quanto seu formato, indicando então que jogos mais curtos são mais adequados às características físicas e mentais da criança. Se faz necessário compreender o real sentido da competição na infância, e refletir se seguir o modelo competitivo adulto é adequado para as crianças.

## 4.2 NOVAS CONCEPÇÕES PARA A INICIAÇÃO AO TÊNIS

Com uma abordagem voltada para o desenvolvimento da técnica e que visa resultados a curto prazo, a iniciação ao tênis tornou-se pouco atrativa para crianças e adultos iniciantes ao esporte. Devido ao nível de dificuldade e monotonia das aulas, esta metodologia de ensino passou a ser contestada. Figueiredo (2011) ressalta que, segundo estudos da ITF (2002), especialmente em países onde está mais desenvolvido, o tênis corre risco de deixar de ser uma modalidade prazerosa e divertida para se aprender e jogar. Este cenário torna-se propício para o surgimento e desenvolvimento de novas ideias e concepções que possam facilitar o ensino do tênis e torná-lo mais atrativo para os novos praticantes.

Para Ishizaki e Castro (2008), o primeiro e mais importante objetivo a ser alcançado pelo professor é fazer que a criança goste de jogar tênis e sinta-se feliz durante as aulas. Neste sentido, Paula e Balbinotti (2009) reiteram que a iniciação ao tênis na infância deve ser uma experiência divertida e estimulante. Para isso, deve ser explorada a utilização de jogos, e a ênfase deve ser dada à experimentação de movimentos, que enriquecem o acervo motor do aluno. Segundo Greco, Silva e Aburachid (2009), o jogo de tênis é dinâmico e exige do praticante conhecimentos táticos e habilidades técnicas, portanto seu ensino deve suprir as necessidades características da modalidade. Com o objetivo de encontrar uma forma de ensino do tênis mais atraente para os iniciantes, a ITF criou no ano de 2002 um grupo de trabalho, que contava com o apoio de especialistas da área, federações e treinadores. Em seu estudo, o grupo pode constatar que o tênis atrai muitos praticantes, porém não consegue retê-los. Portanto, foi verificada a necessidade de adaptar a modalidade às exigências e possibilidades dos novos praticantes (MILEY, 2007;2010).

De acordo com perspectivas mais modernas, novas formas de ensino do tênis na infância vem sendo desenvolvidas. O Mini-Tênis pode ser considerado um dos métodos precursores nestes aspectos. Marchon (1999) apresenta o Mini-Tênis baseado em duas ideias principais: a de que não é a criança que deve se adaptar ao tênis, mas o tênis deve ser adaptado à criança; e sob um conceito mais educacional - a criança primeiro, o jogador depois. De forma simplificada, Crespo (1996) caracteriza esta proposta como o tênis jogado em uma quadra reduzida, com uma rede mais baixa, uma bola mais lenta e uma raquete pequena, ressaltando as

adaptações propostas para melhor adequar o ensino da modalidade à criança. Além da adequação dos materiais e espaços, uma das características principais do Mini-Tênis é a abordagem através do jogo (FIGUEIREDO, 2011). Esta proposta tem como objetivo a inserção e desenvolvimento as habilidades motoras fundamentais, as quais destacam-se: correr, saltar, lançar, rebater, volear, girar, entre outras essenciais para então promover a aquisição das habilidades especializadas do tênis (TEIXEIRA, 2011) .

Nesse contexto, no ano de 2007, foi incorporado pela ITF um novo programa de ensino para a iniciação ao tênis: o programa *Play and Stay*.

Com um enfoque baseado no jogo, em situações de jogos reduzidos e contextualizadas, e na utilização de materiais adaptados (três diferentes tipos de bolas de baixa pressão e quadras reduzidas, e raquetes menores), o *Play and Stay* padronizou e sistematizou os elementos básicos utilizados na prática do Mini-Tênis. (CORTELA *et al.*, 2012, p. 223)

Traduzido para o português como “jogue e fique”, o *Play and Stay* possui sua perspectiva voltada para o ensino da tática, possibilitando ao aluno a compreensão do jogo. Desse modo, a criança possui suas características físicas e psicomotoras respeitadas e valorizadas, além de maiores condições de desenvolvimento futuro neste esporte.

No caminho inverso ao das abordagens tradicionais, esta proposta foi pensada para ser desenvolvida diretamente com os iniciantes, em especial, as crianças. Uma proposta de ensino que tenta tornar a aprendizagem do esporte mais fácil, divertida e saudável, onde o aluno possa trocar bolas e jogar desde a primeira aula (MILEY, 2007). A prioridade para os jogadores é compreender o jogo, desenvolver um senso de jogo e aprender as competências práticas da modalidade (UNIERZYSKI; CRESPO, 2007). A presença de jogos adaptados é um elemento característico do *Play and Stay*, visando o desenvolvimento da tática de jogo. As atividades desenvolvidas fazem com que a criança tenha que utilizar aspectos táticos, para assim encontrar maneiras de realizar ou solucionar o que foi proposto pelo professor. A técnica será importante em um momento futuro, quando, para se executar táticas de jogo mais complexas, seja necessário um melhor refinamento dos movimentos. Unierzyski e Crespo (2007) reforçam que as metodologias

modernas visam desenvolver primeiro as habilidades cognitivas do tenistas, e mais tarde, se necessário, utilizam-se de treinos fechados para a melhora da técnica.

#### **4.2.1 As adequações do *Play and Stay***

Segundo Teixeira (2011), para a criança ter melhores condições de evoluir na prática do tênis, é importante que ela possua um bom domínio dos equipamentos de jogo. Corroborando com a autora, Unierzyski e Crespo (2007) afirmam que a utilização de equipamentos adaptados torna o aprendizado do tênis mais fácil, oportunizando o desenvolvimento de um padrão de jogo completo, o uso correto das técnicas e até a redução dos riscos de lesão.

A fim de apresentar uma alternativa para a dificuldade da iniciação ao tênis, dentro de perspectivas modernas, este método apresenta uma proposta semelhante à do Mini-Tênis: adaptar os equipamentos de jogo às necessidades e possibilidades da criança. Dessa forma, foram criados 3 estágios diferentes: O Estágio Vermelho; o Estágio Laranja, e o Estágio Verde. Para Gonzalez (2012), os estágios vermelho, laranja e verde, nas suas características, consideram o desenvolvimento psicomotor da criança. Os objetivos fixados para cada etapa só podem ser alcançados em um determinado ponto do desenvolvimento, portanto torna-se importante adaptar a progressão dos jogadores também a individualidade do aluno.

Martens e De Vylder (2007) traçam um panorama das características do jogo e das crianças em cada um dos estágios:

##### Estágio Vermelho (6 a 8 anos):

- Após um período de aprendizado inicial, as crianças mais habilidosas já conseguem dominar a quadra toda;
- As crianças já são capazes de mudar a direção e altura da bola;
- As crianças conseguem subir à rede e manter a estabilidade dos golpes;
- As crianças são confrontadas com situações táticas de ataque e defesa.

##### Estágio Laranja (9 anos):

- Os mais habilidosos são capazes de desenvolver um repertório completo da técnica;

- Os jogadores possuem maior domínio sobre os efeitos (em especial, o topspin);
- Os jogadores começam a se utilizar das bolas anguladas, já que a largura da quadra é maior;
- Os jogadores podem obter vantagens táticas nos pontos a partir do saque.

#### Estágio Verde (10 anos):

- Nesta fase, a ênfase deve ser dada ao posicionamento em quadra, para que a bola seja golpeada numa altura entre o quadril e o ombro;
- Os jogadores possuem maiores dificuldades para cobrir os espaços de jogo e subir à rede, devido ao aumento do tamanho da quadra;
- O uso da bola verde propicia aos jogadores desenvolver um jogo mais rápido.

Cabe ressaltar que cada um dos estágios possui adequações específicas com relação à quadra de jogo e a bola, além da raquete.

#### **4.2.1.1 A quadra**

Para cada estágio, uma dimensão de quadra diferente foi proposta. No estágio vermelho, a quadra utilizada é bastante reduzida, tanto no comprimento quanto na largura (11m X 5,5m). No estágio laranja, a quadra possui um grande aumento, tanto no comprimento quanto na largura, medindo 18m por 6,5m. Já no estágio verde, a quadra de jogo possui as medidas oficiais (23.77m X 8.23m). Desse modo, é importante ressaltar que as dimensões de quadra reduzidas contribuem para que a criança consiga cobrir melhor os espaços de jogo, aspecto bastante influente na qualidade e quantidade de trocas de bola durante os pontos.

Segundo Newman (2010), a largura da quadra vermelha possui 66% da largura da quadra tradicional, enquanto as crianças com 5,6,7 e 8 anos possuem entre 64,8% e 75% do tamanho de um adulto. Desta forma, verifica-se que o tamanho da quadra, em suas proporções, parece bastante adequado para esse grupo de crianças. O comprimento da quadra vermelha possui 46,3% do comprimento da quadra tradicional, e embora seja uma proporção menor, devemos considerar que as crianças nessa idade possuem uma percepção limitada de

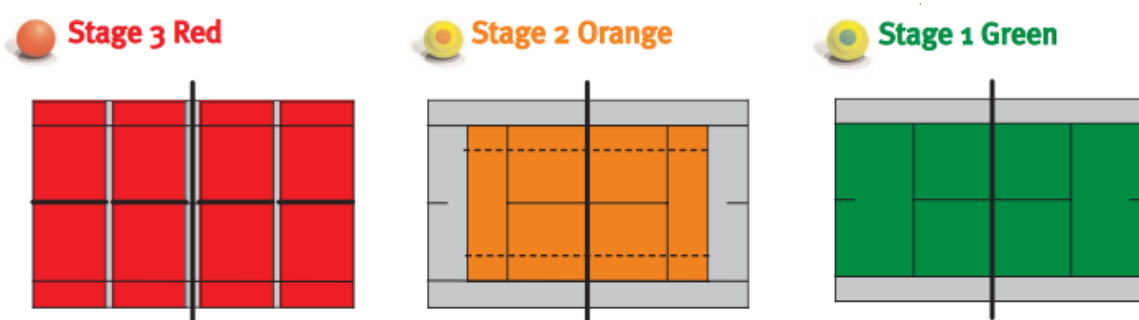


profundidade, pois a sua visão ainda está em desenvolvimento (HAYWOOD; GETCHELL, 2005). Com isso, o autor descreve que quadras menores facilitam a percepção da bola e da posição que a criança deve ocupar, mesmo que demore um pouco para realizar essa identificação.

A quadra laranja possui 78,9% da largura e 75,7% do comprimento da quadra tradicional. É comum utilizar quadras laranjas para jogadores com idades entre 8 e 9 anos, pois possuem entre 75% e 78,3% da altura de um adulto. Essas porcentagens demonstram que a quadra laranja é quase perfeitamente dimensionada para o tamanho do jogador e, com isso, possibilita que a criança possa desempenhar as mesmas táticas e movimentação que um adulto apresenta em uma quadra tradicional. Caso crianças, desta idade, joguem em quadras oficiais, é esperado um aumento de cerca de 25% no número de passos e, com isso, a movimentação e as táticas se tornam irrealistas quando comparadas com o jogo de um adulto (NEWMAN, 2010)

Já a quadra verde possui as mesmas dimensões das quadras oficiais, e é indicada para crianças de 10 anos. Neste período, o jogador está em uma fase de transição entre as quadras reduzidas e a oficial, mas ainda utiliza a bola adaptada (verde), para que este processo não seja mais dificultado.

**FIGURA 1** - Comparativo do tamanho das quadras nos três estágios.



Fonte: ITF COACHING AND SPORT SCIENCE REVIEW (2007)

#### 4.2.1.2 A bola

A utilização das bolas lentas é parte fundamental no processo de ensino do *Play and Stay*. Quatro tipos de bolas de menor pressão foram desenvolvidas. Com exceção da bola de espuma, todas as outras são feitas de feltro, mesmo material das bola oficiais, porém com uma pressão mais baixa.

##### Bola de espuma:

- Apresenta uma grande superfície, facilitando o acerto da bola pelo aluno.
- Indicada para a iniciação ao esporte, com crianças de 3-7 anos.

##### Bola Vermelha

- Possui maior superfície que as bolas tradicionais.
- 75% mais lentas que a bola tradicional.
- Indicada para crianças de 8 anos (Estágio Vermelho).

##### Bola Laranja

- 50% mais lenta que a bola tradicional.
- Indicada para crianças de 9 anos (Estágio Laranja).
- 

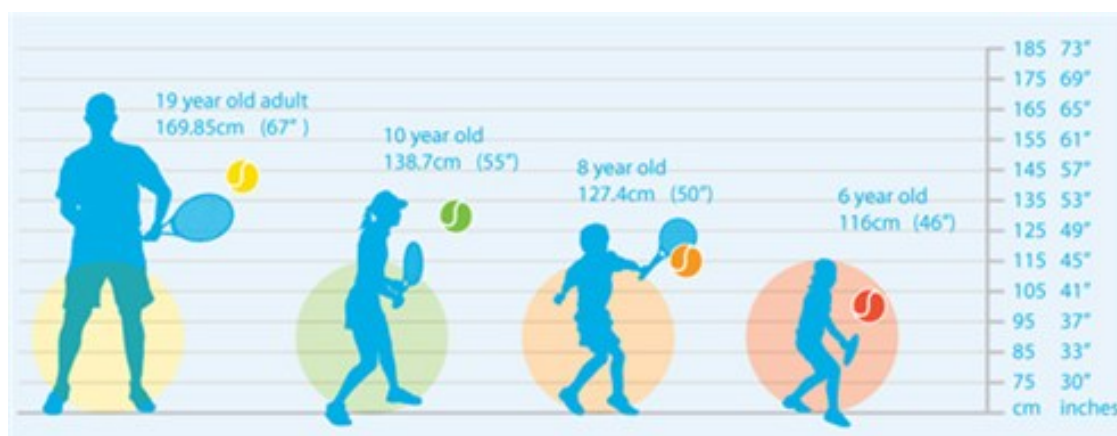
##### Bola Verde

- 25% mais lenta que a bola tradicional
- Indicada para crianças de 10 anos (Estágio Verde).

Para Newman (2010), as bolas mais lentas proporcionam aos jogadores maior tempo de reação e maior controle dos golpes, tornando mais fácil o desenvolvimento de táticas e técnicas avançadas durante as trocas de bolas. No tênis, o ponto de contato ideal da raquete com a bola nos golpes de base é entre a altura do quadril e do ombro do jogador. Ainda segundo o autor, a grande vantagem da utilização de bolas com menor pressão está na altura do quique da bola, que geralmente ocorre dentro desta zona (entre o quadril e o ombro), enquanto as bolas oficiais frequentemente quicam acima da altura da cabeça. Neste sentido, cabe ressaltar que esta adequação proporciona à criança uma condição mais aproximada

das características do jogo adulto e da biomecânica do golpe adulto, como apresentado na figura 2.

**FIGURA 2** - Altura média do quique das diferentes bolas (testadas pela ITF, 2012) em comparação a altura média das crianças (UNESCO, 2002), nas idades indicadas.



#### 4.2.1.3 A raquete

Tendo em vista que a criança possui características físicas diferentes dos adultos, as raquetes de tamanho oficial apresentam um difícil manuseio para o tenista iniciante. O tamanho da empunhadura da raquete, e o peso e comprimento da mesma, são fatores que possuem grande influência sobre a técnica do aluno. Uma raquete muito pesada pode fazer com que a criança faça os movimentos encurtados, pois não possui força suficiente para o manuseio adequado do equipamento, tornando o aprendizado da técnica e sua capacidade de jogar comprometidos. Além disso, é indicado na iniciação que o comprimento da raquete seja menor, pois nesta fase, quanto mais próximo ao corpo for o contato da raquete com a bola, maior o controle da criança sobre o golpe. Levando-se em consideração esses motivos, raquetes mais leves e mais curtas foram desenvolvidas. Apresentaremos as indicações do comprimento das raquetes de acordo com a CBT (2009).

#### Categoria 8 anos:

- O comprimento da raquete deve ter entre 43-58 cm.

#### Categoria 9 anos:

- Comprimento da raquete entre 58-63 cm.

#### Categoria 10 anos:

- Comprimento da raquete entre 63-66 cm.

A título de comparação, cabe ressaltar que as raquetes adultas possuem entre 66-73 cm de comprimento. Também é necessário reiterar que o tamanho e peso das raquetes deve estar adequado ao desenvolvimento físico da criança. Neste caso, a idade serve apenas como uma indicação, sendo a estatura e o desenvolvimento da criança as principais características a serem consideradas.

### **4.2.2 *Tennis 10'S*: O sistema competitivo adaptado**

Um problema apresentado logo que o *Play and Stay* começou a ganhar espaço, foi o do formato e as regras das competições. Ao mesmo tempo em que um novo método de ensino era disseminado, o sistema competitivo para crianças não possuía uma padronização. Enquanto alguns torneios eram disputados com adequações, outros mantiveram o modelo de reprodução adulta. Sendo assim, as crianças que treinavam com bolas e dimensões de quadras adaptadas, no momento de competir poderiam se deparar com jogos em quadras tradicionais e com bolas oficiais. Desta forma, os alunos que treinavam em seus clubes sem as adequações poderiam levar vantagem nas competições, pois estavam mais acostumados e familiarizados àquela situação. De certa forma, o *Play and Stay* poderia sofrer contestações de alguns treinadores, pois naquele momento não apresentava resultados nas competições - deixando claro que este nunca foi o objetivo.

Marques e Oliveira (2002) indicam a necessidade de qualificar as competições de crianças e jovens, a partir de uma reestruturação nos sistemas competitivos atuais, para que a competição seja parte de um processo pedagógico formativo, e não o objetivo final da criança. Com o intuito de padronizar e adaptar as

competições de acordo com as possibilidades da criança, foi implementado pela ITF no ano de 2012 um novo sistema de regras oficiais para competições até 10 anos. o *Tennis 10's* (GONÇALVES, 2014). Neste novo sistema, baseado no *Play and Stay*, a utilização das dimensões de quadra adaptadas, altura da rede reduzida e bolas com menor pressão são obrigatórios em qualquer torneio organizado pelas confederações e federações. Foram criadas as categorias até 8 anos, 9 anos e 10 anos, cada um delas correspondendo a um dos estágios do *Play and Stay* (vermelho, laranja e verde). Desta forma, os treinadores podem desenvolver as aulas de acordo com o modelo competitivo.

Além disso, o formato das competições foi modificado, aspecto importante defendido por Barrell (2007). No *Tennis 10's*, as competições podem ser disputadas nos formatos de grupo - propiciando à criança jogar mais de uma partida, sem eliminação direta - e por equipes - formato especial para a categoria “8 anos”, onde a responsabilidade pode ser dividida com os colegas. Na categoria 8 anos, não há partidas eliminatórias e nem classificação por colocações, pois a organização é feita por equipes, o que gera um ambiente de integração e socialização nas competições. Nesta categoria, recomenda-se que todos os participantes recebam premiação (CBT, 2011). Nas categorias “9 anos” e “10 anos”, o formato de grupos é utilizado, fazendo com que a criança dispute no mínimo dois jogos por competição, evitando uma eliminação direta.

Tendo em vista que a criança possui características físicas específicas, e joga mais de uma partida em um curto período de tempo durante as competições, o formato de pontuação das partidas também sofreu modificações. As alterações foram propostas para que o tempo dos jogos fosse diminuído, levando-se em consideração as capacidades físicas e psicológicas da criança. Abaixo, estão as opções de pontuação para partidas realizadas em torneios da ITF para as categorias “até 8 anos”, “9 anos” e “10 anos”, segundo a CBT (2009).

#### Categoria 8 anos:

- *Tiebreaks* até 7 ou 10 pontos, melhor de 3 *tiebreaks* ou jogos por tempo.
- O tempo médio de duração do torneio nessa categoria é de 1-3 horas.

#### Categoria 9 anos:

- Melhor de 3 *tiebreaks* ou *sets* curtos até 4 *games*.

- O tempo médio de duração do torneio nessa categoria é de 2-4 horas.

Categoria 10 anos:

- *Set* curto até 4 *games* ou melhor de 3 *sets* curtos (sendo o *set* decisivo, um *tiebreak* até 10 pontos)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de conclusão deste trabalho, cabe tecer algumas considerações sobre o estudo. O estudo foi estruturado em dois capítulos, no qual o primeiro aborda alguns aspectos relacionados à infância, como as características das crianças do ponto de vista do desenvolvimento motor e a importância das adequações no treinamento e competição infantil. Entendemos que estes tópicos criam um alicerce fundamental para uma melhor compreensão sobre as concepções pedagógicas no ensino dos esportes, as quais apresentamos algumas das abordagens mais referenciadas na área. No segundo capítulo, afim de termos um panorama geral sobre o ensino do tênis, apresentamos as abordagens mais presentes no campo prático da modalidade, além dos respectivos sistemas competitivos.

Como resposta ao objetivo central do estudo, algumas considerações devem ser realizadas. Durante as últimas décadas, o processo de ensino do tênis baseou-se em concepções tecnicistas, que visam fundamentalmente o desempenho do tenista. Estas parecem bastante eficientes quando tratamos de jogadores profissionais adultos, muitas vezes o exemplo para novos praticantes, pois é a forma encontrada que desenvolve o potencial técnico a seu máximo. No que diz respeito à iniciação ao tênis, esse panorama é muitas vezes mantido e reforçado, pela falta de qualificação e conhecimento pedagógico de parte dos treinadores de tênis, os quais apenas reproduzem métodos de treinamento que lhes foram aplicados. Porém, esta forma de ensino mostra-se inadequada às características da criança quando a pensamos de acordo com as áreas do Desenvolvimento Motor e da Pedagogia do Esporte.

Nesse contexto, foi verificada uma necessidade de mudanças no processo de ensino do tênis na infância, visto que a prática torna-se inadequada às capacidades, necessidades e possibilidades da criança quando aplicada com métodos tradicionais. Ao longo dos últimos anos, podemos observar um processo de inserção das novas tendências pedagógicas no ensino atual do tênis. Diante deste novo panorama, é possível relacionar alguns aspectos das concepções abordadas com o ensino do tênis na infância. Abordagens voltadas para o desenvolvimento integral do aluno, com participação ativa, aprendizado através das situações de jogo, pensado e centrado na criança e com ênfase nas questões cognitivas e desenvolvimento de

habilidades motoras. Ao tratarmos destas questões, verificamos no *Play and Stay* características que se assemelham às concepções apresentadas na revisão de literatura. Portanto, podemos concluir que as concepções modernas, de forma geral, norteiam o ensino do tênis na infância.

Desse modo, podemos observar um processo de constante transformação nos métodos de ensino do tênis na infância, alavancados de forma massiva pelas propostas do *Play and Stay* e as recentes alterações no sistema competitivo para crianças até 10 anos, com a inserção do *Tennis 10's*. Podemos verificar uma evolução no ensino do tênis, no que diz respeito à iniciação. Nessa nova perspectiva, enxergamos um ensino do tênis adaptado à criança e que prioriza o jogo e sua compreensão, aliado a um sistema competitivo que busca contribuir positivamente para o processo de formação e desenvolvimento da criança. Assim, acreditamos que o tênis começa a trilhar um caminho de muitas possibilidades e com mais praticantes de todas as idades.

A transformação que ocorre no ensino do tênis depende da mentalidade e da qualificação dos professores, que devem preconizar o desenvolvimento da criança à longo prazo, sem preocupações com resultados competitivos em um curto espaço de tempo. Entendemos que para isso, a formação acadêmica possui fundamental importância. Nesse sentido, há a necessidade de um domínio da prática pedagógica e conhecimento sobre as características específicas das fases de desenvolvimento da criança, pelos professores. Destacamos também a importância da existência de disciplinas de tênis nas faculdades de Educação Física, podendo assim formar mais profissionais qualificados na área.

Cabe ressaltar que o estudo foi realizado dentro das perspectivas teóricas da Pedagogia do Esporte, portanto, não foi possível investigar as implicações práticas da utilização destas concepções. Torna-se necessário expor que existem diversas abordagens pedagógicas no ensino dos esportes, das quais apresentamos apenas algumas. Da mesma forma, em relação ao ensino do tênis, existem outras concepções modernas, além do Mini-Tênis e do *Play and Stay*, que poderiam ser estudadas. Dentre as limitações do estudo, está a dificuldade em encontrar publicações na área da Pedagogia do Esporte referentes aos esportes individuais, mais especificamente, ao tênis.



Durante o processo de elaboração desse estudo, foi verificada uma vasta literatura a cerca da Pedagogia do Esporte relacionada aos esportes coletivos, com contribuições de diversos autores. Porém, no que diz respeito a literatura específica no tênis, constatamos uma escassez de estudos e publicações, pois grande parte das mesmas estão relacionadas apenas ao ensino e aprimoramento dos gestos técnicos. Nesse sentido, este trabalho visa contribuir para o campo específico do ensino do tênis na infância, ressaltando a necessidade de novos estudos. Acreditamos que através da revisão aqui realizada, possam ser propostos estudos empíricos na área, a fim de melhor compreendermos o processo de ensino do tênis na infância.

## REFERÊNCIAS

AIRES, H. **As competições de Karate-Do**: Perspectivas à formação de crianças e jovens. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ATP. **ATP Rulebook**. 2015. Disponível em: <[www.atpworldtour.com/en/corporate/rulebook](http://www.atpworldtour.com/en/corporate/rulebook)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2001.

BALBINO, et al. Pedagogia do Esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.). **Pedagogia do Esporte**: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013. Cap. 2. p. 41-68.

BARBANTI, V. J. **Formação de Esportistas**. Barueri: Manole, 2005.

BALBINOTTI, C. et al. **O ensino do tênis**: Novas perspectivas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARRELL, M. Competition - the key to Play and Stay. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v.15, n.42, p. 5-6, 2007.

BAUR, J. Ricerca y promozione del talento nello sport. **Rivista di Cultura Sportiva**, n. 28-29, p. 4-20, 1993.

BEDOYA, J. L. Entrenamiento temprano y captación de talentos en el deporte. In: SÁNCHEZ, D. B. et al. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4. ed. Barcelona: Inde, 1999. Cap. 4. p. 207-219.

BÖHME, M. T. S.; LUGUETTI, C. N. Treinamento a Longo Prazo. In: BOHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil**: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 12. p. 265-290.

CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P. C. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do Esporte**: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013. p. 147-192.

CBT. **Curso de Capacitação**: Módulo A. São Paulo: CBT, 2015.

CBT. **Regulamento Tennis 10's**: Categorias 8, 9 e 10 anos. 2011. Disponível em: <<http://circuitojuvenilcorreios.com/tennis-10s-2/>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

CBT. **Tennis 10's**: Tênis para menores de 10 anos. 2009. Disponível em: <<http://cbs-tenis.com.br/teniskids.php?cod=7>>. Acesso em: 20 set. 2015..

CORTELA, C. *et al.* INICIAÇÃO ESPORTIVA AO TÊNIS DE CAMPO: UM RETRATO DO PROGRAMA PLAY AND STAY À LUZ DA PEDAGOGIA DO ESPORTE. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 2, n. 10, p.214-234, 2012.

CRESPO, M. El tenis: una realidad desde diferentes perspectivas. **Educación física y deportes**, n. 44-45, p. 42-50, 1996.

CRESPO, M. Teaching methodology for Tennis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 7, n. 19, p. 3-4. 1999.

FIGUEIREDO, P. F. P. N.. **Educação Física e o tênis na promoção de estilos de vida activos**. 2011. 44 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

FREIRE, J. B. Esporte educacional. In: BARBIERI, C. A. S. **Esporte educacional**. Brasília: ME, 1997.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física Desenvolvimentista para Todas as Crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

GARCÍA, J. P. F. Métodos de ensino e destrezas de comunicação no ensino do tênis. In: BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis: Novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 46-60.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GONÇALVES, G. H. T. **A competição no tênis como modelo de formação e educação das crianças: o caso das categorias até 10 anos**. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GONZALEZ, R. Tennis 10s: adapting coaching methodology to the rule change. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 20, n. 57, p. 23-24, 2012.

GRAÇA, A. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; ABURACHID, L. C. Iniciação esportiva universal: uma escola da bola aplicada ao tênis. In: BALBINOTTI, C. A. A. *et al.* **O ensino do tênis: Novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 80-98

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **About Slower Balls**. 2012. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/about-tennis10s/about-slower-balls.aspx>>. Acesso em: 06 out. 2015.

ISHIZAKI, M. T.; CASTRO, M. S. A. **Tênis: Aprendizagem e treinamento**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

**ITF COACHING AND SPORT SCIENCE REVIEW**. London: ITF, v. 15, n. 42, 2007.

KANETA, C.; LEE, C. L. Aspectos psicossociais do desenvolvimento. In: BÖHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 3. p. 69-79.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2010.

MARCHON, J. C. Mini-tennis: the French approach. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 7 , n. 17 , p. 9-10, 1999.

MARCONI, M., LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas S. A. 2010, 315p.

MARQUES, A. Preparação desportiva para crianças e jovens: sistema de competições. In: GUEDES, O. **Atividade física: uma abordagem multidimensional**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-169

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento *versus* saúde. In: BARBANTI, V. J.; AMADIO, A. C.; J. O. & MARQUES, A. T (Ed.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. Barueri: Manole, 2002. p. 51-73.

MARTENS, S., DE VYLDER, M. The Use of Low compression Balls in the Development of High Performance Players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v.15, n. 42, p. 3-4, 2007.

MILEY, D. Tennis... Play and Stay. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v.15, n. 42, p. 2, 2007.

MILEY, D. Serve Rally and Score....The ITF tennis Play and Stay Campaign and Tennis10s. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 3-4, 2010.

NEWMAN, J. Why the slower balls and smaller courts for 10 and under players? **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 5-6, 2010.

PAES, R. R.. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Editora Ulbra, 2001.

PAES, R. R.. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE Jr, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: Especialização Esportiva Precoce. In: TANI, G; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 17. p. 219-226

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RÉ, A. H. N.; BOJIKIAN, J. C. M. Capacidades e habilidades motoras. In: BÖHME, M. T. S. (Org.). **Esporte infantojuvenil**: Treinamento a longo prazo e talento esportivo. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 5. p. 121-134.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: Jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

RIVAS, D. S.; CLEMENTE, J. A. J. Familiarización e integración de los elementos componentes del juego: Contenidos de aprendizaje del tenis para primaria. In: RIVAS, D. S. (Org.). **El tenis en la escuela**. Badalona: Paidotribo, 2012. p. 51-80.

ROST, K. As competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

SÁNCHEZ, D. B. et al. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4. ed. Barcelona: INDE, 1999.

SANTANA, W. C. Pedagogia do Esporte na infância e Complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Cap. 1. p. 1-22.

SCAGLIA, A. J. Escola de futebol: uma prática pedagógica. In: NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.) **Pedagogia dos esportes**. Campinas: Papirus, 1999.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. A pedagogia do esporte. In: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS - ME. **Dimensões pedagógicas do esporte**. Brasília: UNB/cad, 2004.

TEIXEIRA, C. P. Tênis. In: BÖHME, M. T. S. (Org.). **Esporte infantojuvenil**: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 19. p. 433-450.

UNIERZYSKI, P.; CRESPO, M. Review of modern teaching methods for Tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 7, n. 3, p. 1-10, 2007.

VALENTINI, N. C. *et al.* Considerações sobre o desenvolvimento e aprendizagem motora em crianças. In: BALBINOTTI, C. *et al.* (Org.). **O ensino do tênis: Novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 29-45.

